

Cadernos do Noroeste

Série História 3

20 (1-2)



Homenagem
Maria Manuela Campos
Milheiro Fernandes

Instituto de Ciências Sociais
Universidade do Minho

9 Nota Prévia

15 Introdução

ESTUDOS

- 27 A Festa Barroca e a Arte Efémera / Maria Manuela Campos Milheiro Fernandes
- 43 Continuidade e ruptura do ideal barroco nas entradas régias do século XIX: alguns exemplos / Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves
- 67 Pintura mural em Santa Marinha de Vila Marim, S. Martinho de Penacova, Santa Maria de Pombeiro e na capela funerária anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real: parentescos pictóricos e institucionais e as encomendas do Abade D. António Melo / Paula Bessa
- 97 Ourives da Prata de Coimbra, Viseu e Lamego: notas para o seu estudo na segunda metade do século XVIII / Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
- 107 Relações artísticas entre o Minho e Minas Gerais no século XVIII / Eduardo Pires de Oliveira
- 127 Pequenas anotações sobre a actividade do tipógrafo e jornalista João Nogueira Gandra (1788-1858) / Agostinho Araújo
- 147 A nova igreja de S. Lázaro e o hiato de modernidade na arquitectura religiosa de Braga / Miguel Sopas de Melo Bandeira
- 169 Cultura eclesiástica. Contribuição para o conhecimento da escolaridade e perfis de instrução, cultura bibliográfica, exames e competências do clero paroquial bracarense do século XVIII / José Viriato Capela
- 183 A morte e a comemoração dos defuntos na Sé de Braga nos finais da Idade Média / Ana Maria S. A. Rodrigues
- 219 A Confraria do Santíssimo Sacramento de S. Miguel das Marinhas / Franquelim Neiva Soares
- 275 Para uma análise sociológica dos Monges Negros da Ordem de S. Bento (XVI-XIX séculos) / Margarida Durães
- 293 Seduções das recolhidas / Ivone da Paz Soares

- 313 Contexto relacional médico-familiar. Um estudo de casos no concelho de Braga / Maria Engrácia Leandro, Paula Cristina Remoaldo, Helena Cristina Machado, Paulo Nuno Nossa
- 341 O hospital do Espírito Santo de Portel na Época Moderna / Maria Marta Lobo de Araújo
- 411 A Sífilis Sagrada. O Clero à luz da psicopatologia primo-republicana / Sebastião Nuno de Araújo Barros e Silva
- 433 Género no discurso anti-droga / Maria Zara Simões Pinto Coelho
- 467 O século das Misericórdias / Laurinda Abreu
- 485 A Misericórdia de Santarém: estruturação e gestão de um património / Maria de Fátima Dias dos Reis
- 497 Pobreza e caridade: a acção assistencial do Cabido bracarense em período de *Sé Vacante* (1728-1741) / Celeste Dinis, António Francisco Barbosa
- 523 Maternidade ilegítima e família. O caso de S. João do Pico em finais do século XIX / Norberta Amorim
- 555 Informação Internacional: esboçando linhas de fronteira / Helena Sousa
- 589 A Natureza, de cenário a interlocutor. Notas sobre a deslocação de um paradigma / Carolina Leite
- 601 Ser Rainha de Portugal nos alvares da Modernidade: imagem, símbolo e poder / Maria Paula Marçal Lourenço
- 617 No quingentésimo aniversário do nascimento de Michel Nostradamus / Manuel José Silva
- 633 O património pré-histórico da Póvoa de Lanhoso. Que valorização? / Ana M. S. Bettencourt, Isabel Silva
- 649 Fontes para a História da Indústria Portuense: o Mapa das Fábricas de 1820 / José Manuel Lopes Cordeiro

O PATRIMÓNIO PRÉ-HISTÓRICO DA PÓVOA DE LANHOSO. QUE VALORIZAÇÃO?

ANA M. S. BETTENCOURT
ISABEL SILVA

1. O PASSADO ESQUECIDO

Durante décadas, a sociedade moderna ocidental orientou-se, essencialmente, para a valorização do “futuro”, que encarava como “evolução” e “progresso”, de acordo com uma lógica capitalista predominante. Consequentemente, o passado foi desvalorizado, em termos políticos, sociais e culturais, visto como algo incapaz de se tornar importante para a “revolução” do progresso. Esquecido pelos órgãos de poder, mais preocupados com o progresso tecnológico e industrial, o passado foi-se tornando indisponível e desinteressante aos olhos dos cidadãos. É neste contexto que se deixou destruir, sem a preocupação de se efectuar qualquer registo científico, grande número de vestígios arqueológicos existentes por todo o país.

Mas a afirmação da sociedade capitalista e a crença de que a melhoria social e o progresso se efectuava pelo **reformismo**, mais do que pela **revolução**, levou, também, ao descrédito no futuro e a uma **eternização do presente**, tendente à criação de uma **cultura global, uniformadora**, pouco criativa, inibidora da transformação da consciência social e produtora “*simultaneamente (de) uma sensação de vertigem e (de) uma sensação de estagnação*” (SANTOS, 1996: 20). Foi esta espécie de impasse, que levou os cidadãos à consciencialização do esvaziamento dos princípios globalizadores e uniformizadores da sociedade, que conduziu à necessidade de **reinvenção do passado**. Este ganha, assim, contornos messiânicos, assume-se como espaço de espanto e de paixão, capaz de desbravar novas práticas e iniciativas um pouco por toda a Europa e, também, entre nós. Torna-se um modo de construção do futuro, passível de criar novas identidades e de conferir às populações o direito à diferença, nesta era globalizadora. O passado, como “*produto da iniciativa humana*” permite “*interrogações poderosas e tomadas de posição capazes de sentidos inesgotáveis*” (SANTOS, 1996: 23), bem como múltiplas opções conducentes a uma maior diversidade cultural.

É, no âmbito desta nova lógica do passado, que implica a sua dignificação, valorização e difusão, que se inserem várias iniciativas, sobretudo por parte do poder autárquico, como aquela que, no ano 2000, decorreu na da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, as quais contribuem para a partilha de uma reflexão sobre a importância do património, como uma mais valia regional.

2. O PASSADO PRÉ-HISTÓRICO

Nesta segunda parte do texto tentámos visualizar a dimensão dos vestígios deste período, conhecidos no concelho da Póvoa de Lanhoso.

Os vestígios mais antigos do concelho devem remontar ao que, tradicionalmente, se designa por **Neolítico Médio/Final**, ou seja, aos V/IV milénios AC. Referimo-nos, naturalmente, aos sete ou oito monumentos sepulcrais da necrópole megalítica do planalto de Pena Província, na serra do Carvalho, freguesia de Ferreiros, detectada nos finais do séc. XIX, explorada por Francisco Martins Sarmiento, nos anos 30 (SARMENTO, 1933) e ainda existente em 1950 (CARDOSO, 1950). Em 1990, Henrique Regalo e Mário Brito referem apenas um monumento nesta necrópole (REGALO & BRITO, 1991), mas as investigações efectuadas, em 1993, por uma das signatárias deste trabalho, permitiram registar, ainda, cinco monumentos megalíticos. À data da realização destas jornadas, um deles tinha sido completamente destruído e outro, estava parcialmente afectado pelas obras de construção do aterro sanitário existente no alto da serra.

Ao mesmo período genérico remontamos a mamoa do Bárrio, erradamente designada por Lagido ou por Santa Iria, em Verim (REGALO & BRITO, 1991) e as já desaparecidas mamoas do Alto de S. Miguel, nos limites das freguesias de Galegos e de Pedralva, esta já do concelho de Guimarães (SOUSA, 1978: 335; FONTES, 1993: 68). Monumento deste tipo e de cronologia similar deveriam ter existido nas freguesias de Calvos e S. João de Rei onde ocorrem topónimos como Arcas e Antas, respectivamente (BETTENCOURT, 1999).

No **Calcolítico**, momento genericamente datável entre os finais do IV e a segunda metade do III milénio AC, apenas podemos incluir a ocupação mais antiga do Castro de Lanhoso, onde se detectaram cerâmicas manuais com decorações incisas metopadas de tipo Penha (BETTENCOURT, 1993/1994, 1999).

Ao II milénio AC, ou seja, num contexto cronológico cultural atribuível à Idade do **Bronze Médio**, podemos incluir o depósito de machados de tipo “Bujões/Barcelos” do Lugar da Mata, em S. João de Rei, detectado na primeira metade do séc. XX (CARDOSO, 1936: 50; CELESTINO, 1994: 15), mas desaparecido quase na íntegra. Ainda ao II milénio AC podemos atribuir o machado de talão sem aselhas encontrado algures na freguesia de Serzedelo e depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães (MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1985: 195, 393, Est. V; SILVA, 1986: Est. IV).

Nos **finais da Idade do Bronze**, ou seja, num período que colocamos entre o fim do II milénio AC e o segundo quartel do I milénio AC, inserimos o presumível povoado de fossas do lugar da Pousada, freguesia de Vilela e a segunda ocupação do povoado de Castro de Lanhoso, detectada por uma de nós quando reavaliou o espólio exumado por K. Petruso, recolhido nas escavações de 1982, então realizadas na vertente este desta estação (PETRUSO, 1982, 1984; BETTENCOURT, 1993/1994).

Finalmente, num período de **transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro** incluímos a primeira ocupação do Monte Crasto, em S. João de Rei, local escavado em 1993, por uma das signatárias deste trabalho. Esta ocupação, datada radiometricamente, do séc. V AC, revelou interessantes dados paleoambientais que permitiram considerar este povoado como fortemente vocacionado para actividades agrícolas, com base no cultivo de cereais (BETTENCOURT, 1999; 2000).

Inumerados, assim, todos os dados conhecidos para a Pré-História do concelho verificamos, de imediato, que são escassos, frequentemente encontrados fora de contexto ou explorados, sem aplicação de metodologia científica, em épocas muito recuadas. Com excepção das escavações de Monte Crasto, das restantes não resultaram publicações exaustivas dos dados, passíveis de interpretação sociais, económicas e rituais, o que indicia estarmos perante um acervo informativo que resultou de uma investigação pouco sistematizada.

Este conjunto arqueográfico permite, apenas, duas ordens de considerações. Se, por um lado, desaconselha qualquer escala de análise sobre a reconstituição do povoamento pré-histórico da região, por outro, torna premente a tomada de decisões face à consecução do seu conhecimento, preservação e valorização cultural e económica futura, permitindo levantar a questão “Que futuro para o passado?”.

3. QUE FUTURO PARA O PASSADO?

É, sobretudo, sobre este último assunto que importa reflectir. Ou seja, que futuro poderemos dar ao conjunto de sítios pré-históricos que acabámos de enumerar?

Se é certo que se nos afigura como possível, a sua reintegração no quotidiano dos presentes, enquanto elementos geradores de identidade e de especificidade, mas também, como factores de desenvolvimento socio-económico, a verdade, é que para que tal seja possível, importa que façamos uma observação cuidada e atente sobre **o que valorizar, como e o que transmitir** do conhecimento desse património.

A primeira reflexão que se nos oferece fazer, face ao conjunto de sítios em causa, reside na importância de se encarar o **Plano Director Municipal** como um instrumento efectivo de gestão e o motor de um crescimento durável, capaz de conciliar a criação de novos projectos com a salvaguarda dos valores de natureza patrimonial. De acordo com a mesma ordem de ideias, importa que a **Carta Arqueológica** seja um efectivo elemento de consulta mas, mais e melhor do que isso, um elemento de trabalho em constante actualização, tarefa árdua e que acima de tudo, requer um investimento e uma atenção continuadas, consubstanciadas na disponibilização de recursos humanos e materiais adequados.

Por outro lado e, complementarmente, parece-nos que o reforço dos elos de cooperação e coordenação, ao nível dos organismos que tutelam a administração e gestão deste território, poderiam propiciar soluções de conciliação potencialmente geradoras de maiores valias para o todo concelhio.

A reflexão sobre o conjunto de questões e implicações que decorrem do exercício do poder local, parecem-nos tanto mais prementes, quanto todos temos consciência de que, nas últimas décadas, assistimos a uma definitiva e irreversível mudança de “operadores”, no que concerne à gestão do Património. Da acção do Estado, cuja intervenção se faz sentir, sobretudo, ao nível dos testemunhos patrimoniais considerados como de interesse nacional, passamos a uma política crescente de actuação patrimonial de âmbito local, conseqüentemente, mais próxima do presente e das preocupações dos cidadãos que, sobre ela se interrogam, numa atitude cada vez mais activa, a exigir de todos nós uma maior atenção à qualidade e complexidade das respostas.

Em suma, como poderemos, então, gizar um plano de valorização que venha a integrar este conjunto de sítios que, por si só, não apresentam características de grande visibilidade, nem estão ainda suficiente-

mente estudados, de forma a que possam sustentar uma explicação, no sentido da evolução de uma estratégia de povoamento desta região?

Não pretendemos aqui enunciar uma resposta de sentido único, uma vez que o estudo cuidado deste conjunto patrimonial, certamente nos conduziria a respostas múltiplas. No entanto, oferecem-se-nos algumas reflexões, passíveis de contribuir para a criação de eventuais caminhos. Desde logo, uma análise atenta do **levantamento patrimonial concelhio**, entendido nas suas múltiplas valências – património arqueológico, arquitectónico, paisagístico, natural, gastronómico – em estreita associação com as actividades de cariz tradicional, quer sejam ligadas ao trabalho ou às festividades e aos equipamentos de lazer, por forma a fazer **ressaltar e a valorizar as especificidade da história local**. A partir desse levantamento de recursos, do seu estado de conservação, da própria natureza dos mesmos e da respectiva acessibilidade, ponderar a sustentabilidade da criação de itinerários que respondam a várias solicitações e a públicos-alvo diferenciados.

A construção de um eventual projecto de valorização, assente na criação de itinerários versáteis, permitiria uma mais fácil hierarquização e faseamento dos objectivos a atingir e uma melhor adequação a factores, como por exemplo, de natureza sazonal, ou à própria evolução de projectos de estudo, ainda em curso. Desta forma, partir-se-ia do simples, para o progressivamente mais complexo, do singular, para as parcerias geográficas ou temáticas. Pouco a pouco, poder-se-iam reforçar os elos de cooperação entre entidades afins, no domínio da valorização cultural, proporcionando simultaneamente, uma melhor sustentação socio-económica de um turismo cultural local, apoiado num processo de mediação no seu todo, mais coerente, acessível e apelativo.

Em síntese, na medida em que cada vez mais temos consciência da mais valia que representam os valores patrimoniais, enquanto parte integrante de um desenvolvimento sustentável, mais evidente se nos afigura que a essência do Património não se relaciona só com o passado, mas com o presente e com o futuro.

Ana M. S. Bettencourt
Departamento de História
Universidade do Minho

Isabel Silva
Directora do Museu Regional de
Arqueologia D. Diogo de Sousa
Braga

CATÁLOGO DE ESTAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS DO CONCELHO DA PÓVOA DE LANHOSO

Calvos

Lugar da Arcas

Monumentos megalíticos.

Coordenadas Guass: Alt. = 290-300m; 260-270m (f. 57 - 1: 25 000).

No planalto a norte da Lage Grande existe um lugar com esta designação. A cerca de 400m para este, o topónimo volta a aparecer, revelando uma forte possibilidade de ocorrência de mamoaas neste local.

BETTENCOURT, 1999.

Ferreiros

Pena Província (Fig. 2 a 4).

Necrópole megalítica.

Na serra do Carvalho, a oeste do outeiro conhecido como Pena Província, M. Macedo (1886: 122) refere uma necrópole megalítica composta por seis mamoaas. Parece ter explorado, se não a totalidade, pelo menos parte destes monumentos. F. Martins Sarmento (1933) refere sete mamoaas neste local, que M. Cardoso (1950) coloca a cerca de 500m para oeste da Pena Província. As prospecções efectuadas por uma de nós, em 1993, permitiram inventariar, cartografar e descrever cinco monumentos megalíticos que correspondem às coordenadas aqui registadas. Em 2000, realizámos nova visita ao local e verificámos mais algumas destruições.

Mamoa 1 de Pena Província M = 185,8; P = 512,4; Alt. = 460m (f. 57 - 1: 25 000) - destruída pelo alargamento de um caminho de terra batida. No local exumámos um fragmento de moinho manual, dormente e um outro de movente, em depósito no Museu D. Diogo de Sousa;

Mamoa 2 de Pena Província M=185,3; P=512,25; Alt. = 460m (f. 57 - 1: 25 000) - parcialmente destruída por dois caminhos, a norte e a este. Parece apresentar vala de violação, mas esta está coberta por ramadas de eucalipto. Nas imediações ocorrem fragmentos de esteios (Fig. 3).

Mamoa 3 de Pena Província M = 185,2; P = 512,2; Alt. = 460m (f. 57 - 1: 25 000) - no interior da mata de eucaliptos, pouco perceptível mas com vala de violação;

Mamoa 4 de Pena Província M = 185,15; P = 512,2; Alt. = 460m (f. 57 - 1: 25 000) - coberta de intensa vegetação arbustiva, a cerca de 50m para oeste da mamoa 2;

Mamoa 5 de Pena Província M = 184,8; P = 512,2; Alt. = 450m (f. 57 - 1: 25 000) - destruída, parcialmente, a oeste pela abertura de um caminho que rodeia o aterro sanitário. Apresenta, ainda, vala central de violação sem esteios visíveis. No corte efectuado pela caminho estão encostados dois esteios, sem decoração, sensivelmente da mesma altura. O monumento tem cerca de 12m no sentido norte-sul. Está coberta de intensa vegetação arbustiva (Fig. 4).

MACEDO, 1896; SARMENTO, 1933; CARDOSO, 1950; INFORMAÇÕES INÉDITAS.

Galegos

Alto de S. Miguel

Monumentos megalíticos.

Coordenadas Guass (cotas aproximadas): M = 185,4; P = 510,9; Alt. = c. 450m (f. 57 -1: 25 000).

Nos limites das freguesias de Galegos e de Pedralva, teriam existido dois monumentos megalíticos no início da vertente oeste do Alto de S. Miguel, hoje, profusamente arborizada. Estes monumentos terão desaparecido.

SOUSA 1978; FONTES 1993.

Póvoa de Lanhoso

Castro de Lanhoso

Povoado.

Coordenadas Guass: M = 187,7; P = 512,9; Alt. = 385m (f. 57 - 1: 25 000).

A análise do espólio das escavações realizadas por K. Petruso, em 1982, na vertente este desta estação, possibilitaram a detecção de cerâmicas com decoração incisa, metopada, de tipo Penha, presumivelmente inseríveis no Calcolítico e de olaria atribuível à Idade do Bronze.

Depósito do espólio: Casa da Botica - Póvoa de Lanhoso

BETTENCOURT 1993/1994; 1999; 2000.

S. João de Rei

Antas

Monumentos megalíticos.

Coordenadas Guass do lugar das Antas: M = 186,8; P = 517,1; Alt. = 200m (f. 57 - 1: 25 000).

Topónimo de interesse arqueológico em área profusamente urbanizada.

BETTENCOURT 1999.

Lugar da Mata

Achado metálico, em bronze. Depósito (?)

Coordenadas Guass: M = 186,2; P = 516,8; Alt. = cerca de 150m (f. 57 - 1: 25 000).

Em 1936, M. Cardoso (1936: 50) refere que no Lugar da Mata, próximo do Monte Crasto, apareceu um pequeno machado de bronze que, em 1901, foi oferecido ao Museu Municipal do Porto. Trata-se de um machado plano de tipo "Bujões/Barcelos". Nos anos 30, foram encontrados, no mesmo local, dez "machadinhas" de bronze que parecem ter sido vendidas em Braga, segundo A. Celestino (1994: 15). O lugar da Mata corresponde a um vale agrícola. Depósito do artefacto detectado no início do séc. XX: Museu de Etnografia do Porto (extinto), n.º de inv. 7119.

CARDOSO, 1936; CORTEZ, 1946; HARBISON, 1967; MONTEAGUDO, 1977; KALB, 1980; CELESTINO, 1994; BETTENCOURT, 1999.

Monte do Crasto (Fig. 5 e 6)

Povoado.

Coordenadas Guass: M = 186,5; P = 516,4; Alt. = 202m (f. 57 – 1: 25 000).

A análise do espólio das escavações realizadas por uma de nós, em 1993, permitiram detectar uma ocupação dos finais da Idade do Bronze/inícios da Idade do Ferro, na vertente norte desta estação.

Depósito do espólio: Museu D. Diogo de Sousa – Braga.

BETTENCOURT, 1999; 2000.

Serzedelo

Achado metálico, em bronze.

(f. 57 – 1: 25 000).

Em lugar incerto da freguesia de Serzedelo, apareceu um machado de talão, sem argolas.

Depósito: Museu da Sociedade Martins Sarmento – Guimarães.

CARDOSO, 1936; MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1985; SILVA, 1986.

Verim

Bárrio

Monumento megalítico.

Coordenadas Guass: M = 185,1; P = 518,8; Alt. = cerca de 80m (f. 57 – 1: 25 000).

Este monumento foi, durante muito tempo, erradamente designado por mamoa do Lagido ou de Santa Iria.

REGALO & BRITO, 1991; INFORMAÇÕES INÉDITAS.

Vilela

Lugar da Pousada (Fig. 7 e 8)

Povoado.

Coordenadas Guass: M = 561,7; P = 4599,8; Alt. = 140m (f. 71 – 1: 25 000).

Numa desaterro para a construção de uma casa, na base da vertente norte do cabeço onde está implantado o campo de futebol de Vilela, a cerca de 100m da ribeira da Póvoa, afluente do rio Ave, detectou-se uma fossa aberta no saibro. Nos perfis contíguos ocorre cerâmica manual, arenosa, de cozedura redutora, inserível na Idade do Bronze Final.

Depósito do espólio: Museu D. Diogo de Sousa – Braga.

INÉDITO.

BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A. M. S. (1993/1994), A ocupação da Idade do Bronze no Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso-Braga), *Cadernos de Arqueologia*, n.º 10/11, pp. 153-180.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1998), Monte do Crasto (Póvoa de Lanhoso) www.geira.pt/arqueo/ListaArqueossitios.html
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999), *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga – policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000), *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Ed. Cadernos de Arqueologia – Monografias – 11, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- CARDOSO, M. (1934-1936), Machadinhas castrejas, *Revista de Arqueologia*, 3, pp. 43-51.
- CARDOSO, M. (1950b), Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, 60 (3-4), pp. 405-486.
- CELESTINO, A. (1994), *Antigamente era San Joan de Rey*, Ed. Junta de Freguesia de S. João de Rei.
- COFFYN, A. (1985), *Le bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Ed. Diffusion du Bocard, Paris.
- CORTEZ, F. R. (1946), *Machados e outros objectos de bronze*. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto.
- CUNHA, A. (1975), Trepando os Montes, *O Distrito de Braga*, 2.ª sér., 1 (1-4), pp. 485-535.
- FONTES, L. (1993), Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga, *Mínia*, 3.ª sér., 1, Braga, pp. 31-88.
- HARBISON, P. (1967), Mediterranean and atlantic elements in the early bronze age of Northern Portugal and Galicia, *Madrider Mitteilungen*, 8, Madrid, pp. 100-122.
- KALB, P. (1980), O Bronze Atlântico em Portugal, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 1, Guimarães, pp. 113-120.
- MACEDO, M. D. (1896), Alguns apontamentos arqueológicos relativos às duas freguesias de Sobreposta e Pedralva, *Revista de Guimarães*, 13 (3), pp. 121-123.
- MONTEAGUDO, L. (1977), *Die beile auf der Iberischen Halbinsel*, Prahistorische Bronzefunde – 9 (6), Munique.
- PETRUSO, K. M. (1982), Castro de Lanhoso, Portugal: results of the first season, *Context*, 2 (3), Ed. Boston University, pp. 1 e 4-6.
- PETRUSO, K. M. (1984), *Archaeological excavations by Boston University at the site of Castro de Lanhoso (Minho) during August 1982*. (Relatório submetido ao I.P.P.C.-Policopiado).

- REGALO, H. & M. Brito (1991), Carta arqueológica da Póvoa de Lanhoso, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 117-121.
- SANTOS, B. S. (1996), A queda do *Angelus Novus*: para além da equação moderna entre raízes e opções, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, Coimbra, pp. 5-34.
- SARMENTO, F. M. (1933), *Dispensos*, Ed. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- SILVA, A. C. F. (1986a), *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.
- SOUSA, J. R. (1978), Megalitismo nos arredores de Braga – necrópoles do Monte de Crasto, *Bracara Augusta*, 32 (85-86), Braga, pp. 329-336.

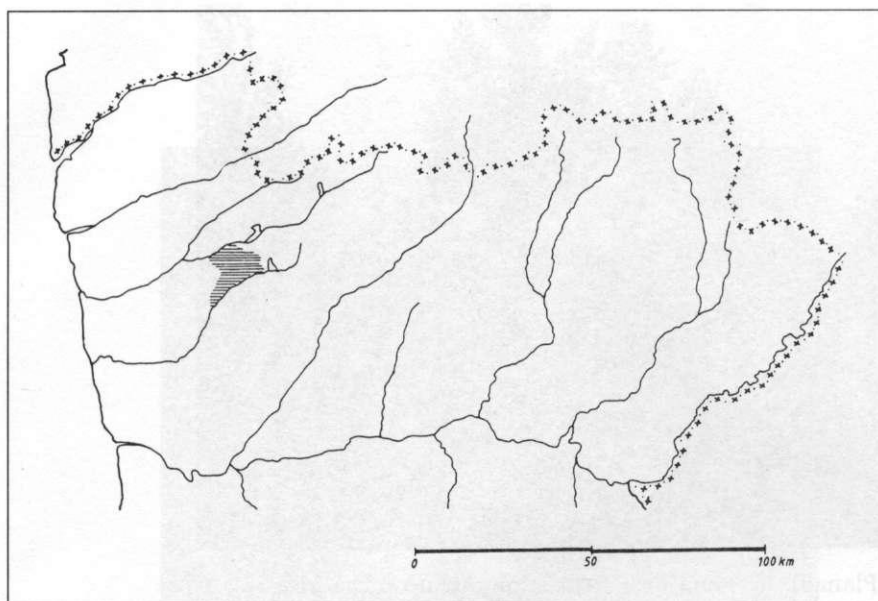


FIG. 1 Localização do concelho da Póvoa de Lanhoso no Norte de Portugal.



FIG. 2 Planalto de Pena Província (serra do Carvalho) onde teria existido importante necrópole megalítica. De notar a florestação com eucaliptos o que contribuiu, grandemente, para a destruição do património arqueológico no local.



FIG. 3 Planalto de Pena Província. Monumento megalítico n.º 2, parcialmente destruído pelo alargamento de caminhos e pelo crescimento de eucaliptos.



FIG. 4 Planalto de Pena Província. Monumento megalítico n.º 5, parcialmente destruído pela abertura de um caminho que ladeia o aterro sanitário.

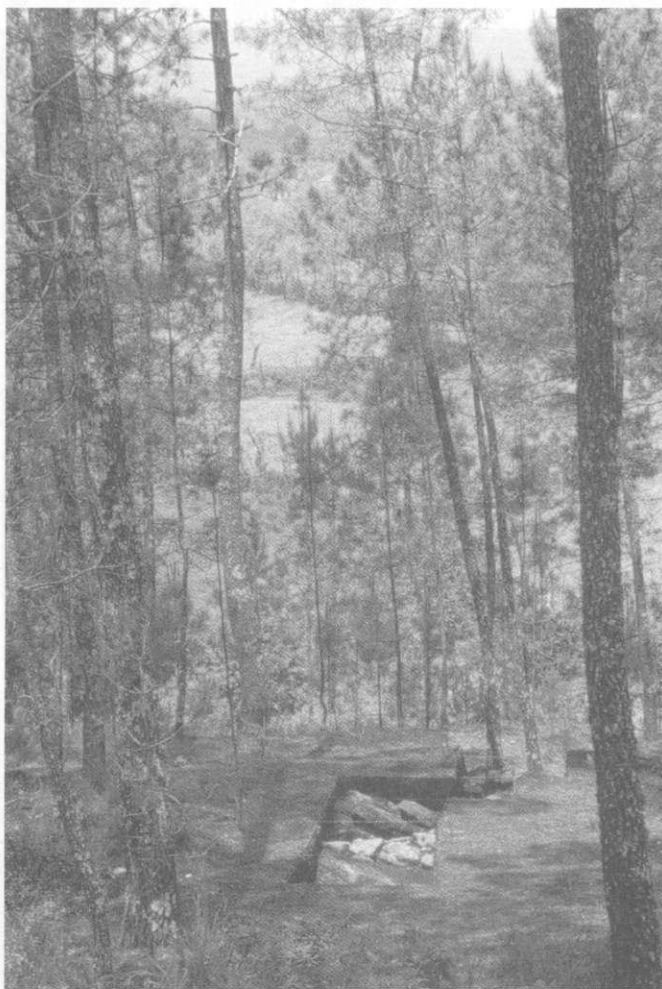


FIG. 5 Monte Crasto: aspecto geral das escavações da vertente norte onde apareceu uma ocupação dos finais da Idade do Bronze/inícios da Idade do Ferro.

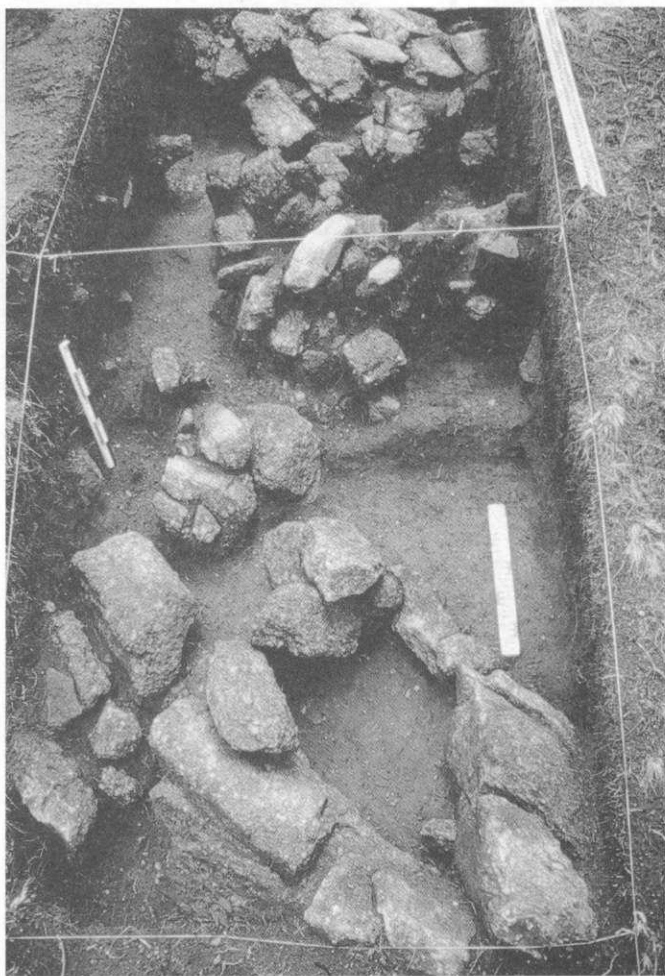


FIG. 6 Monte Crasto: aspecto geral das pequenas fossas-silos que se encontravam cheias de bolotas carbonizadas.



FIG. 7 Aspecto geral do perfil do Lugar da Pousada onde se detectaram materiais cerâmicos da Idade do Bronze.



FIG. 8 Pormenor de uma fossa aberta no saibro no Lugar da Pousada.

RESUMO

Este texto, apresentado nas *Primeiras Jornadas do Património* do concelho da Póvoa de Lanhoso, em Março de 2000, está dividido em três partes. A primeira, analisa alguns aspectos de natureza social e política que contribuíram para destruição de parte significativa do património pré-histórico nacional e, conseqüentemente, do concelho da Póvoa de Lanhoso. A segunda, dá conta do estado actual da investigação arqueológica relativa ao período em causa, naquele concelho e a terceira, enuncia algumas reflexões conducentes à defesa e valorização do património pré-histórico conhecido.

RÉSUMÉ

Cet article, présenté au "*Primeiras Jornadas do Património*" de la petite ville de Póvoa de Lanhoso, au mois de Mars 2000, comporte trois parties. La première, est consacrée à l'analyse de quelques aspects à caractère social et politique ayant contribué à la destruction d'une grande partie du patrimoine archéologique de la Préhistoire au niveau national et local. La deuxième, traite de l'état actuel des investigations archéologiques concernant la période étudiée pour cette ville. Enfin, la troisième partie annonce quelques réflexions visant à développer une stratégie de défense et de valorisation du patrimoine préhistorique déjà connu.

ABSTRACT

We presented this paper, for the first time, on the "*Primeiras Jornadas do Património*", at Póvoa de Lanhoso, in March 2000.

At the follow paper we begin to analyse some social and policial aspects we think that could be related with the destruction of some prehistoric monuments all over our country, as well as at this region. Next we try to give a general idea on nowadays archaeological research concerning the prehistoric local human occupation. We finish with some reflections in order to preserve and to promote the local prehistoric heritage.